



PENNINHA
EDIÇÕES

MANUAL DIGITAL DO PROFESSOR

POR ONDE ANDARÁ A VACA AMARELA?





i á u

e m b

Prezado(a) Professor(a):

Apresentamos aqui sugestões para trabalhar com o livro ***Por onde andar* a Vaca Amarela?**, um poema provocante, envolvendo brincadeira popular e muitas discussões culturais, que poderão ser usadas em parte, ou totalmente, de acordo com o tempo que você planejar para trabalhar a leitura e a exploração do livro.

Você fará uma seleção do que levar para a sala de aula, de tudo que é sugerido abaixo e acrescentará, ou não, outras propostas que achar adequadas a sua turma.

Este livro está sendo indicado para o 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, mas você terá toda liberdade de trabalhar a leitura dele, também, com alunos menores, desde que você planeje como fará a leitura e que atividades serão selecionadas para a turma e os pactos com a brincadeira da **Vaca Amarela**.

Sua leitura oral, completa do livro, pelo professor para os alunos será uma ótima possibilidade de “juntos” vivenciarem momentos de proximidade e acolhimento. Poderá ser uma grande possibilidade de “encantar”, como me ensinou Cléo Busatto:

“E, neste imaginário do século XXI, vamos encontrar narrações tão distintas, em suportes tão diversos, saídas de corações e bocas tão peculiares, que só nos

resta constatar, com olhos esgazeados, que essa diversidade é boa e amplia a nossa consciência ética e estética.” (2006, p. 10).

Um fator que, sem dúvida, contribui para o interesse da leitura de um livro consiste em que este possa oferecer ao aluno certos desafios. Vamos juntos por este caminho?

Você é o grande responsável pela seleção da obra que irá trabalhar com seus alunos e como irá fazê-lo! O livro traz muitas possibilidades, não só de leitura, como também das discussões com a turma, de descobertas e conhecimentos culturais, ampliando conhecimentos e aprendizagens de se colocar diante do grupo, ouvir e ser ouvido!

O livro ***Por onde andar*** a ***Vaca Amarela?*** viaja por muitos locais e resgata muitas expressões e tradições brasileiras, apresentando-nos também a um pintor alemão, entre as várias discussões sugeridas.

Que você e sua turma encontrem momentos de beleza, prazer, ternura, risos e também discussões favoráveis ao crescimento de seus alunos como leitores e cidadãos conscientes.

Bom trabalho.





Por onde andará a Vaca Amarela?

Autor: Adriano Bitarães Netto

Ilustradora: Marlette Menezes

Belo Horizonte/MG, Penninha Edições, 2014

* * *

Categoria 5:

Obras literárias voltadas para os(as) estudantes do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental.

Temas:

Família, amigos e escola; Diversão e aventura.

Gênero:

Poema.

* * *

Sumário

- 9** Competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) contempladas nas atividades propostas

- 10** Competências específicas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) contempladas nas atividades propostas

- 15** Atividades propostas

- 27** Iniciando as discussões de estrofes, expressões/frases e ideias do livro

- 75** Referências Bibliográficas

Competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) contempladas nas atividades propostas

– Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

- Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

(Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc/>)

Competências específicas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) contempladas nas atividades propostas

Habilidades em Língua Portuguesa:

(EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.

(EF35LP03) Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.

(EF35LP18) Escutar, com atenção, apresentações de trabalhos realizadas por colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.

(EF35LP21) Ler e compreender, de forma autônoma, textos literários

de diferentes gêneros e extensões, inclusive aqueles sem ilustrações, estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

(EF35LP23) Appreciar poemas e outros textos versificados, observando rimas, aliterações e diferentes modos de divisão dos versos, estrofes e refrões e seu efeito de sentido.

(EF35LP25) Criar narrativas ficcionais, com certa autonomia, utilizando detalhes descritivos, sequências de eventos e imagens apropriadas para sustentar o sentido do texto, e marcadores de tempo, espaço e de fala de personagens.

(EF35LP27) Ler e compreender, com certa autonomia, textos em versos, explorando rimas, sons e jogos de palavras, imagens poéticas (sentidos figurados) e recursos visuais e sonoros.

(F35LP31) Identificar, em textos versificados, efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos rítmicos e sonoros e de metáforas.

(EF15LP05) Planejar, com a ajuda do professor, o texto que será produzido, considerando a situação comunicativa, os interlocutores (quem escreve/para quem escreve); a finalidade ou o propósito (escrever para quê); a circulação (onde o texto vai circular); o suporte (qual é o portador do texto); a linguagem, organização e forma do texto e seu tema, pesquisando em meios impressos ou digitais, sempre que for preciso, informações necessárias à produção do texto, organizando em tópicos os dados e as fontes pesquisadas.

(EF15LP06) Rerler e revisar o texto produzido com a ajuda do pro-

fessor e a colaboração dos colegas, para corrigi-lo e aprimorá-lo, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de ortografia e pontuação.

(EF15LP07) Editar a versão final do texto, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, ilustrando, quando for o caso, em suporte adequado, manual ou digital.

(EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.

(EF15LP10) Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.

(EF15LP13) Identificar finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos (solicitar informações, apresentar opiniões, informar, relatar experiências etc.).

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

(EF15LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas.

(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

Habilidades em Artes:

(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

(EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.

(EF15AR12) Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.

(EF15AR13) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.

(Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc/>)



Atividades propostas

Estas atividades poderão ser apresentadas durante a leitura do livro ou depois dela, conforme planejamento do professor. Visa auxiliar o trabalho de leitura e aproveitar as muitas possibilidades que o texto ***Por onde andar* a Vaca Amarela?** oferece para discussões e atividades em sala de aula. O livro poderá ser lido algumas páginas por vez, pelo professor, ou todo de uma só vez.

Outra apresentação do livro poderá ser a leitura feita pelos alunos, com algumas partes de leitura feita pelo professor, que, como modelo de leitor, sempre será muito apreciado pelos “ouvintes”.

Se os alunos tiverem um tempo para ler o livro todo em casa, discussões posteriores poderão ser levadas para a sala de aula, de acordo com o interesse deles, além das aqui propostas. Seria bom se os leitores copiassem frases do livro ou anotassem ideias e pensamentos que tiveram durante o tempo da leitura feita em casa, ou individual na escola, para discutir em sala.

1 Apresentando o livro e explorando a perigrafia dele:

Apresentar e explorar, com os alunos, a capa, o índice, a biografia do autor e ilustrador (contidas no livro), as cores das ilustrações, a ficha catalográfica etc.

Primeiras impressões:

– O que o título nos sugere?

– E a ilustração da capa?

– E as demais ilustrações?

– Quem é o autor? E a ilustradora? Conhecem outros livros escritos ou ilustrados por eles? Quais? O que sabem do autor? (O endereço eletrônico dele consta na obra, o que nos possibilita escrever para ele ao final da leitura do livro. Como o autor é professor de Literatura em Belo Horizonte, poderá ser convidado a ir à sala de aula conversar com os alunos).

» Leitura das páginas finais com informações sobre o autor e a ilustradora.

– E a ficha catalográfica, o que ela nos informa?

– O que nos conta a quarta capa (título ao contrário, ilustração e o código de barras).

A leitura inicial de toda a obra pelo professor, para audição de seus alunos, também ajudará a estabelecer pactos de leitura, motivando a leitura da obra, que se materializa por meio de uma escuta afetiva e efetiva, como nos afirma Busatto (2006):

[...] em que medida contar histórias na sociedade pós-moderna pode recuperar na memória uma função ancestral e arquetípica, provocar a suspensão do tempo cronológico apresentando um outro tempo, reencantando o mundo, despertando a compaixão e a lembrança do universo mítico do qual fazemos parte, numa espécie de teia coletiva que se forma a partir do momento em que os contos soam e apresentam situações simbólicas.

– Que informações nos traz a orelha do livro? (É muito importante porque nos conta como surgiu a ideia de escrever ***Por onde andaré a Vaca Amarela?***: “*Certo dia, antes de dormir, eu me lembrei da famosa brincadeira da Vaca Amarela. E pronunciei: ‘Vaca Amarela, pulou a janela, quem falar primeiro come a bosta dela!’”*.)

Hipóteses: – Que referências vocês acham que vamos encontrar da Vaca Amarela no imaginário nacional e até mundial? Por onde pode ter andado a Vaca Amarela? (Essas hipóteses podem ser anotadas para, no final da leitura do livro, serem confrontadas com as hipóteses do autor.)

2 Considerações necessárias:

a) Importância das brincadeiras, versos e rimas na infância.

Este livro resgata a brincadeira da *Vaca Amarela* com suas estrofes engraçadas e próprias de diferentes lugares.

Vamos ler, declamar, tentar entender de que fala cada estrofe e, ao final, criar um jogral.

Queremos lembrar ao professor que Winnicott assinala que “é a brincadeira que é universal e que é própria da saúde; o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia” (VIEIRA; CARVALHO; MARTINS, 2009). Não vamos impedir nossos alunos, mesmo de 4º e 5º anos, de brincar e ler durante os trabalhos com este livro.

Pensando na maneira lúdica que o livro pode ser lido e discutido, desde a mais tenra idade, até quando *não se quiser mais ser feliz*. O brincar “é enfatizado como a linguagem prioritária das crianças, com sua especificidade de participação na cultura como princípio de organização do cotidiano, da relações, dos conhecimentos, das metodologias, dos espaços e dos tempos de escolas e creches” (VIEIRA; CARVALHO; MARTINS, 2009).

b) O Politicamente Correto e o preconceito contra repetir certas palavras escritas pelos autores (como, por exemplo, a palavra “bosta” encontrada no poema).

Se o professor não se sentir confortável para ler e comentar a palavra “bosta”, que aparece no texto, poderá combinar com os alunos para que ela seja substituída por bota ou outra semelhante. Não vemos mal algum em usá-la. Não vamos fazer apologia do nome feio, nem menosprezar a linguagem popular resgatada pelo autor nesta brincadeira. Gostariamos de lembrar também a importância na cultura de NÃO se cair na armadilha do Politicamente Correto e, para isto, buscamos o escritor infanto-juvenil, palestrante e estudioso do assunto Ilan Brenman, que nos alerta: “A onda politicamente correta que avança na literatura infanto-juvenil da atualidade pode inibir a imaginação e a criatividade de crianças e adolescentes”. (Disponível em:

<http://www.fnnde.gov.br/acesso-a-informacao/institucional/area-de-imprensa/noticias/item/11022-ilan-brenman-defende-mais-liberdade-nos-livros-infantis>

<http://www.ilan.com.br/104/home/>)

Nas últimas décadas, especialmente a partir dos anos 1980, tem-se prestado cada vez mais atenção ao termo “politicamente correto”. O que ele significa exatamente? Segundo a enciclopédia virtual *Wikipédia*, faz parte de uma política que consiste em tornar a linguagem neutra em termos de discriminação e evitar que possa ser ofensiva para certas pessoas ou grupos sociais, como a linguagem e o imaginário racistas ou sexistas. Exemplos não

faltam. É possível enumerar diversas expressões que foram varridas da mídia, dos livros e de nossas conversas por serem politicamente incorretas, ou seja, por conterem ideias discriminatórias ou pejorativas em relação a um grupo. No entanto, será que este comportamento é sempre positivo ou pertinente?

Recentemente, nota-se uma tendência de levar o “politicamente correto” para as histórias e cantigas tradicionais pelo fato de elas apresentarem conteúdos supostamente inadequados ou violentos demais para as crianças. Será que você já ouviu a famosa canção *Atirei o pau no gato*, entoada de maneira diferente da original, alardeando uma letra mais pacífica? Veja: “Não atire o pau no gato, porque ele é nosso amigo [...]” Ou então, já escutou versões em que o lobo não come a vovó nem a Chapeuzinho Vermelho, em um dos mais famosos contos de fadas?

Ao perceber o crescimento dessa questão, o psicólogo, escritor e contador de histórias Ilan Brenmam resolveu investigar a presença do “politicamente correto” nos enredos infantis. Seu estudo “A condenação de Emília: uma reflexão sobre a produção de livros politicamente corretos” virou tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo. Por considerar o assunto pertinente aos educadores, a Revista *Avisa lá* entrevistou Ilan para que ele pudesse falar sobre a verdadeira importância das histórias para todos (as crianças estão evidentemente incluídas) porque espelham a complexidade dos seres humanos, ou seja, falam de medos e de tristezas. A seguir, alguns trechos da conversa:

Revista Avisa lá – Muitas vezes, há resistência por parte dos adultos em apresentar aos pequenos histórias que expressam de maneira clara conflitos típicos do ser humano. Será que eles precisam mesmo conhecer narrativas cujas personagens são más, com madrastas perversas ou bruxas devoradoras de criancinhas?

Ilan Brenman – A personagem mais conflituosa e com mais dificuldades costuma ser a mais interessante e a que mais chama a atenção das crianças. Justamente porque ela expressa dificuldades e problemas humanos, mostrando como somos. Só que faz isso metaforicamente, de maneira segura. Precisamos de histórias de verdade, que expressem o conflito e a complexidade da nossa existência. A violência maior está no silêncio, na falta de palavras, naquilo que vivemos, mas não podemos expressar, no que se torna não-dito. Quando um conto tradicional, por exemplo, é mutilado, extirpando seus conflitos, há um impedimento que o público, seja adulto ou infantil, se reconheça em seus personagens, e que os dramas dialoguem com o que o leitor sente. Toda criança tem seus dramas e vive conflitos. Essa noção de que ela é pura e precisa ser protegida é uma noção idealizada de infância, herança de um pensamento rousseauiano¹. É uma visão extremamente romantizada e distante da realidade.

Avisa lá – Quem convive com crianças não nota essa complexidade humana? Não vive na própria pele seus conflitos e dramas?

Ilan – As pessoas nem sempre têm essa noção ou querem enxergar seus conflitos. Há também uma necessidade de controle. O adulto, muitas vezes, quer uma pacificação, um ambiente mais controlado e, portanto, menos trabalhoso, o que o filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005) chamou de “a paz dos cemitérios”. É aí que a

literatura do “politicamente correto” e sem conflitos encontra espaço e se distancia da verdadeira literatura, que trabalha com o imponderável. A literatura não propõe respostas; ela pergunta, faz pensar, faz falar, e isso, muitas vezes, assusta porque escapa ao controle. A literatura que traz o conflito é aquela que a criança consegue se identificar e pensar sobre a vida. Esse é o motivo pelo qual o “politicamente correto” não costuma interessar ao público infantil.

Avisa lá – E quanto às passagens violentas? Será que pais e educadores não teriam ressalvas quanto aos contos tradicionais também por esse motivo? Aquela velha máxima de que violência gera violência, que tanto aplicamos à TV e ao videogame, também não valeria para algumas histórias?

Ilan – A TV e o videogame não são causadores de violência. Não é o conteúdo da programação televisiva – ainda que muita coisa ruim e inadequada para as crianças seja veiculada – o que incita a violência. O que mais contribui é a vivência virtual proposta, ou seja, o tempo que se passa em frente aos aparelhos eletrônicos porque tomam tempo de socialização e, conseqüentemente, a criança não aprende a lidar com o mundo. Ainda há que se considerar que a média brasileira em frente à televisão é altíssima, por volta de cinco horas diárias. Sobre o videogame, os jogos virtuais não são tão diferentes da brincadeira Polícia e Ladrão.

Avisa lá – O que fazer com as histórias que contêm conteúdo racista, ainda que possuam grande qualidade literária, como as de Monteiro Lobato ou mesmo como as cantigas tradicionais, que fazem parte de nosso caldo cultural?

Ilan – Se o professor vai ler Monteiro Lobato à sua turma, precisa fazer em sua integridade, sem pular páginas e sem cortar trechos. Ele também precisa estar preparado para responder, se a criança perguntar e se o conteúdo racista do texto chamar a sua atenção, sobre o que o autor escreveu. O adulto, nesse caso, precisa situar historicamente o autor. Por que Monteiro Lobato, por exemplo, usa certas expressões? Em que época viveu? No entanto, acho muito difícil que uma criança questione porque ela não se atém a esses trechos. Ela não vai ficar racista porque leu Monteiro Lobato ou ouviu uma cantiga tradicional. Na maioria das vezes, o preconceito está na cabeça do adulto. É ele quem pressupõe a reação do interlocutor. Uma boa leitura, na verdade, é capaz de levar ao caminho oposto: ao pensamento, à reflexão, ao fim da intolerância e do preconceito.

Avisa lá – E quanto às fábulas e suas morais?

Ilan – A palavra “fábula” vem da expressão fabular, que é o próprio falar sobre a vida e sobre as pessoas. Trata-se de histórias muito antigas nas quais os homens podiam se identificar, sem muitos riscos, com os personagens animais, mais distantes deles, além de apresentar conflitos e problemáticas bastante humanas. Nem sempre a moral esteve atrelada às suas narrativas. Essa é uma ideia relativamente nova. Começou com La Fontaine (1621–1695)² e é, portanto, datada e conectada à necessidade de uma literatura ligada à pedagogia. Se considerarmos esse tipo de gênero, perceberemos que elas são muito variadas e ricas. Além disso, praticamente todos os povos tiveram as suas, um modo universal de pensar sobre o mundo.

Avisa lá – Muitas vezes, os livros “politicamente corretos” infantis fazem lembrar a

literatura de autoajuda dos adultos. É possível estabelecer essa relação?

Ilan – *Sim, ela é clara. A literatura de autoajuda tenta apresentar respostas e soluções para uma vida feliz. Ela se afasta da realidade humana, e da própria literatura, que não oferece respostas, mas expõe conflitos e reflete a vida. O “politicamente correto” das histórias infantis também tenta fazer as crianças felizes. Atualmente, a tristeza é algo que aflige. Existe um tabu em relação a esse sentimento. Há uma ideia corrente de que se estamos tristes é porque falhamos em algo. Isso é um ideal de toda a sociedade. A meu ver, está ligado à necessidade de fazer com que as pessoas consumam, sejam felizes, tenham sucesso, sejam bem-sucedidas. No caso das crianças, se as vemos tristes tendemos a pensar que falhamos na educação.*

(Ana Carolina Carvalho, psicóloga, escritora, colaboradora do Instituto Avisa Lá e do Museu da Pessoa, ambos em São Paulo (SP). Escreve também para o blog Penade Aluguel: <http://www.blogpenadealuguel.blogspot.com>)

¹*O filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) defendia que a criança era um ser inocente e bom por natureza e que a sociedade é que a corrompia.*

²*Escritor francês de contos, poemas, máximas e fábulas. Ganhou notoriedade mundial com este último gênero. Além de tornar mais atuais as fábulas de Esopo, também criou suas próprias, dentre elas A cigarra e a formiga e A raposa e as uvas. As narrativas de La Fontaine são permeadas de pensamentos filosóficos com forte moralidade didática e, apesar de tão antigas, mantêm-se vivas até hoje.*

Sobre o entrevistado: Ilan Brenmam nasceu em Israel em 1973 e mora em São Paulo desde 1979. É psicólogo, contador de histórias há mais de 15 anos e escritor. Entre seus livros, estão *Até as princesas soltam pum*, *As 14 pérolas da Índia*, ambos publicados pela Brinque-Book; *O turbante da sabedoria e outras histórias de Nasrudin*, editado pela SM Edições, entre outros.

Ficha técnica

Ilan Brenman, contato: ilan@ilan.com.br e ibrenman@uol.com.br

Site: <http://www.ilan.com.br>

PARA SABER MAIS

Livros:

- *O pó do crescimento e outros contos*, de Ilan Brenman, Editora Martins Fontes. Tel.: (11) 3106-9133.
- *O turbante da sabedoria e outras histórias de Nasrudin*, de Ilan Brenmam. SM Edições. Tel.: (11) 3847-8920.
- *Até as princesas soltam pum*, de Ilan Brenmam. Brinque-Book. Tel.: (11) 3032-6436.

Este conteúdo faz parte da Revista *Avisa lá*, edição 39, de agosto de 2009. Caso queira acessar o conteúdo completo, compre a edição em PDF ou impressa através de nossa loja virtual – <http://loja.avisala.org.br>

Disponível em: <http://avisala.org.br/index.php/conteudo-por-edicoes/revista-avisala-39/o-politicamente-correto-nas-historias-infantis/>



boi

e á

em ste o

E é b

gtoqg a

omeçava a

oo

Música

Uma

de

é,

abo

rela,

ô,

boi Fubá

ste o eu p

em ste o eu

E é b

Iniciando as discussões de estrofes, expressões/frases e ideias do livro:

a) Leitura da orelha do livro, que justifica a ideia do autor na criação dele.

“[...] se a vaca pulou a janela, para onde ela foi, qual terá sido o paradeiro dela? Foi exatamente dessa indagação que nasceu o desejo de escrever este livro.”

b) Leitura de todo o livro para uma primeira percepção da obra. Leitura contínua também para perceberem a sonoridade das estrofes.

c) Primeira sugestão de trabalhar com o livro: uma proposta de pesquisa via Internet, em sala ou no laboratório de informática, com orientação, todo o tempo, do professor.

Distribuir uma estrofe (ou mais), numerada de acordo com a ordem em que aparece no poema, para cada dupla (ou trio) de alunos para que possam explicar as expressões marcadas pelo professor e transmitir depois a toda a turma. Para a explicação ficar completa, os alunos deverão usar a Internet para a pesquisa. Essa será uma oportunidade de exercitarem a busca, a seleção de sites que são confiáveis, atingirem os objetivos alcançados na busca e adequados ao trabalho proposto e, também, não fugirem ao tema da dupla.

Cada dupla preparará a leitura teatral de sua(s) estrofe(s) para depois, ao final, apresentarem um jogral.

Os jograis são bastante comuns como um gênero de peça teatral, no qual, ao invés dos cânticos, os participantes se organizam em grupos e declamam as falas em conjunto, de modo harmonioso.

O jogral é como um poema, podendo ser cantado ou não. Também pode definir-se como a arte de poetizar por duas ou mais pessoas.

d) Segunda sugestão de leitura do livro: leitura, por página, discutindo as ideias apresentadas em cada estrofe, depois de o poema ter sido todo lido (professor e alunos poderão intercalar a leitura oral de cada estrofe).

1ª Estrofe

Todo mundo conhece

A brincadeira

“Vaca Amarela

Pulou na janela,

Quem falar primeiro come a bosta dela!”

Discussão:

– Quem conhece estes versos? Quem já brincou? Como é a brincadeira? (Planejar a sala inteira brincando. Ver acima as considerações sobre o Politicamente Correto e os cuidados para substituir a palavra “bosta”, caso assim desejar.)

2ª Estrofe

*Pois é, eu também conheço
e adoro brincar assim!
Só que, ao fazer silêncio,
me vem à imaginação
sempre a mesma querela:
Qual será o destino
e o fim da vaca amarela?*

Discussão:

– Pelo sentido da palavra no texto, o que significa *querela*? (Consulta ao dicionário para confirmarem a hipótese apresentada pelos alunos.)

O autor vai apresentar suas hipóteses do destino da vaca. Vamos conhecê-las. (Lá no início das discussões, os alunos já apresentaram as suas...)

3ª Estrofe

*Será que a Vaca Amarela
pulou a janela
e saiu com um único paradeiro:
ouvir um tango e dançar um maxixe
com “O boi no telhado”, de Zé Boiadeiro?*

Tango é um estilo musical e uma dança. Tem forma musical binária e compasso de dois por quatro. A coreografia é complexa e as habilidades dos bailarinos são celebradas pelos aficionados de Maxixe. (O professor poderá levar vídeos de dançarinos destes estilos musicais.)

O **maxixe** ou **tango brasileiro**, é um tipo de dança de salão brasileira criada por afro-descendentes que esteve em moda entre o fim do século XIX e o início do século XX. Teve a sua origem no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, mais ou menos quando o tango também dava os seus primeiros passos na Argentina e no Uruguai, do qual sofreria algumas influências. Dançada a um ritmo rápido de 2/4, notam-se também influências do lundu, das polcas e das habaneras. Por isso mesmo, o maxixe é chamado por alguns de tango brasileiro. Alguns relatos afirmam também uma diferença com relação à harmonia, sendo a do tango brasileiro (como os de Ernesto Nazareth) um pouco mais complexa do que de seu "irmão", o maxixe.

Foi criado pelos chorões, conjuntos instrumentais de choro, fazendo uma variante altamente sincopada da habanera, gênero cubano que também era chamado tango-habanera (o primeiro uso da palavra "tango" é datado de 1823, em Havana,) e que, na sua variante brasileira, passou a ser chamado "tango brasileiro". Até o advento do samba, o maxixe foi o gênero dançante mais importante do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maxixe>

O Boi no telhado, de Zé Boiadeiro:

“O Boi No Telhado”, canção que absorveu o nome de outro título do compositor tupiniquim Zé Boiadeiro, abre a janela do passado para debater, em seis ensaios, assinados por diferentes autores, os aspectos harmônicos, melódicos e conceituais de obra que, a partir do processo de colagem, cita os compositores primeiros do cancioneiro nacional, que se encarregaram de dar cara nova à música brasileira e foram, aos poucos, tornando-se independentes em relação à influência da polca, do maxixe e do tango, como Catulo da Paixão Cearense, Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazareth, Marcelo Tupinambá, Alberto Nepomuceno e outros nove músicos.

Disponível em: <http://www.esquinamusical.com.br/literatura-o-boi-no-telhado/>

Sugestão: Ouvir Darius Milhaud. *O Boi no Telhado*. Minczuk - Orquestra Sinfônica Brasileira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BVmzfNQ73Es>

– Quem já assistiu a alguma apresentação de orquestra sinfônica? (Em Belo Horizonte muitas apresentações acontecem, de graça, no Parque Municipal.)

Uma **orquestra** (do grego antigo **ὄρχηστρα**, 'lugar de dança', por alusão ao espaço semicircular situado em frente ao palco do teatro grego, onde dançava o coro) é um agrupamento instrumental utilizado geralmente (mas nem sempre) para a execução de música de concerto.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Orquestra>

Orquestra sinfônica:

A **Orquestra Sinfônica Brasileira** é uma das mais importantes orquestras brasileiras e tem 75 anos de existência. Sua sede situa-se na Avenida Rio Branco, no centro do Rio de Janeiro.

Ao lado da Prefeitura do Rio de Janeiro e do BNDES, a Vale é mantenedora da Orquestra Sinfônica Brasileira da cidade do Rio de Janeiro, uma orquestra que tem como missão difundir a música sinfônica em todo o país e formar novos públicos e jovens talentos.

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Orquestra_Sinf%C3%B4nica_Brasileira

– E sua cidade, tem uma orquestra sinfônica? Se sim, procure informações sobre apresentações dela para planejarem assistir. Se não, quem sabe sua cidade tem uma banda? E que bom seria se ela fosse convidada a vir

tocar na escola para vocês. Tudo pode acontecer se um convite for feito a ela. Vamos planejar para que isto aconteça?

4ª estrofe

*Ou será que ela foi
para um forró e, sem titubear
levantou poeira até o dia raiar
ao som de “Vaca Estrela e Boi Fubá”?*

– E vocês gostam de dançar? Que ritmos mais dançam? Quais as músicas mais tocadas no momento? E as de que vocês mais gostam?

Forró é um ritmo e dança típicos da Região Nordeste do Brasil, praticada nas festas juninas e outros eventos. Diante da imprecisão do termo, é geralmente associado o nome como uma generalização de vários ritmos musicais dessa região, como baião, a quadrilha, o xaxado, que têm influências holandesas e o xote, que tem influência portuguesa. São tocados, tradicionalmente, por trios, compostos de um sanfoneiro (tocador de acordeão, que no forró é tradicionalmente a sanfona de oito baixos), um zabumbeiro e um tocador de triângulo. Também é chamado arrasta-pé, bate-chinela, fobó. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Forr%C3%B3>

» Poderão ouvir e também cantar, de acordo com o planejamento, a música *Vaca Estrela e Boi Fubá*:

Vaca Estrela e Boi Fubá (*Fagner*)

Seu dotô me de licença
Pra minha história contá
Hoje eu tô na terra estranha
E é bem triste o meu pená
Mas já fui muito feliz
Vivendo no meu lugá
Eu tinha cavalo bom
Gostava de campeá
E todo dia aboiava
Na porteira do currá
Ê, vaca Estrela, ô, boi Fubá
Eu sou fio do nordeste
Não nego o meu naturá
Mas uma seca medonha
Me tangeu de lá pra cá
Lá eu tinha o meu gadinho
Não é bom nem imaginá
Minha linda vaca Estrela
E o meu belo boi Fubá

Quando era de tardezinha
Eu começava a aboiã
Ê, vaca Estrela, ô, boi Fubá
Aquela seca medonha
Fez tudo se trapaia
Não nasceu capim no campo
Para o gado sustentá
O sertão esturricô, fez os açude secá
Morreu minha vaca Estrela
Se acabou meu boi Fubá
Perdi tudo quanto eu tinha
Nunca mais pude aboiã
Ê, vaca Estrela, ô, boi Fubá
Hoje nas terra do sul
Longe do torrão natá
Quando eu vejo em minha frente
Uma boiada passá
As água corre dos oios
Começo logo a chorá
Lembro minha vaca Estrela
E o meu lindo boi Fubá
Com sodade do nordeste
Dá vontade de aboiã
Ê, vaca Estrela, ô, boi Fubá

Disponível em: <https://www.lettras.com/fagner/256828/>

5ª Estrofe

*Quem sabe também,
não tenha ela ido direto para o Pará
com o intuito de fazer um chá de panela
para se casar com o Boi-Bumbá?*

» Discussão com a turma do significado de “intuito” e da expressão “chá de panela”.

– Quem já ouviu falar do Boi-Bumbá? O que é?

O **Bumba Meu Boi** é uma das festas folclóricas mais tradicionais do Brasil. Nessa encenação, semelhante a um auto, misturam-se danças, músicas, teatro e circo. Em cada parte do país, o boi tem um nome diferente: **Boi-Bumbá, no Amazonas** e no Pará; Bumba-meu-boi, no Maranhão; Boi Calemba, no Rio Grande do Norte; Cavalo-Marinho, na Paraíba; Bumba de reis ou Reis de boi, no Espírito Santo; Boi Pintadinho, no Rio de Janeiro; Boi de mamão, em Santa Catarina e boizinho no Rio Grande do Sul.

Pesquisadores acreditam que o festejo teve origem no nordeste no século XVII, durante o Ciclo do Gado, quando o boi tinha grande importância simbólica e econômica. Na época, o animal era criado por colonizadores que faziam uso de mão de obra escrava. A lenda na qual se baseia o **Bumba-meu-boi** reflete bem essa organização social e econômica.

Ela conta a história de um casal de escravos, Pai Francisco e Mãe Catirina. Grávida, Catirina começa a ter desejos por língua de boi. Para atender suas vontades, seu marido tem de matar o boi mais bonito de seu senhor. Percebendo a morte do animal, o dono da fazenda convoca curandeiros e pajés para ressuscitá-lo. Quando o boi volta à vida, toda a comunidade celebra.

O festejo do Bumba-meu-boi surgiu nesse contexto de fazendas de criação de gado e reuniu influências africanas, como o boi geroa, trazidas pela população escrava e europeia, como a tourada espanhola, festas portuguesas e francesas. O boi de Parintins traz também forte influência indígena.

Disponível em: <http://bumba-meu-boi.info/>

6ª Estrofe

*Ou ainda não terá fugido para o Nordeste
e entrado para o cangaço
só para namorar o Touro Sentado
que naquelas bandas é chamado
de “Cabra da peste”?*

Discussões pertinentes: Região Nordeste (onde fica no mapa do Brasil, estados, costumes, pessoas que conhecem vindas do Nordeste ou que moram lá etc.)

O **Cangaço** foi um fenômeno do banditismo brasileiro ocorrido no nordeste do país em que os homens do grupo vagavam pelas cidades em busca de justiça e vingança pela falta de emprego, alimento e cidadania causando o desordenamento da rotina dos camponeses. Um dos principais líderes do cangaço foi o "Capitão" Lampião (Virgulino Ferreira da Silva), cujo título fictício de capitão surgiu de uma promessa não cumprida do governo do Ceará de integrar o seu bando aos batalhões patrióticos da Guarda Nacional caso Lampião e seus homens conseguissem deter o avanço da coluna Prestes na cidade de Juazeiro do Norte. O termo cangaço vem da palavra canga (peça de madeira usada para prender junta de bois a carro ou arado; jugo). Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Canga%C3%A7o>

Cabra da peste:

Existe mais de uma versão para a origem da expressão, que até hoje possui duplo sentido. “Em geral, é usada para designar o sujeito destemido, mas também pode ser dita em tom de ofensa, quando a valentia vira prepotência”, diz o lingüista Flávio de Giorgio, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). No Dicionário do Folclore Brasileiro, o folclorista Luiz da Câmara Cascudo afirma que “cabra” era como os navegadores portugueses chamavam os índios que “ruminavam o bétel”, uma planta com folhas de mascar. Com o passar do tempo, o bicho pode ter virado sinônimo de homem forte por causa de seu leite, considerado mais denso e nutritivo que o da vaca. Tudo indica que a associação com “peste” surgiu por causa da má fama da cabra, considerada um animal simpático ao diabo na tradição sertaneja. Vale lembrar que os nordestinos também usam a palavra “peste” para nomear doenças graves.

Assim, o “cabra da peste” seria o sertanejo que sobreviveu superando todos os sofrimentos, “da dentição difícil, do sarampo certo, da caxumba, da desidratação inevitável, da catapora, da coqueluche, da maleita e do amarelão, e de tudo mais que atormenta a vida de um cristão nascido no Nordeste”, como sugere o folclorista Mário Souto Maior no livro *Como Nasce um Cabra da Peste*. “Por tudo isso, a expressão completa só deve ter surgido por volta do século 17”, afirma Flávio. Mas alguns especialistas defendem outra hipótese. A expressão seria uma variação de “cabra-de-peia”, também usada para indicar a valentia do nordestino, que apanhava sem reclamar. “Depois de açoitada com a peia (chicote), a vítima era obrigada a beijar o açoite na mão do seu algoz”, diz o etimologista Deonísio da Silva, da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar).

Disponível em: <https://mundoestranho.abril.com.br/cultura/como-surgiu-a-expressao-cabra-da-pestes/>

7ª e 8ª estrofes

*Dizem as boas e as más línguas
que, justamente por lá,
na região de Pernambuco,
ela ajudou um trovador maluco
a construir a seguinte quadrinha popular:
“Valei-me Nossa Senhora!
Santo Antônio de Nazaré!
A vaca mansa dá leite.
A braba dá se quiser!”*

» Significado das palavras e expressões: más línguas, trovador, braba.

» Discussão do respeito pelas crenças diferentes das nossas e da fé dos católicos em seus santos. (Momento oportuno para levantar a religião de cada aluno e o respeito que devemos ter por todas elas.)

9ª estrofe

*Pode ser que, depois de ter consagrado na música popular,
a Vaca Amarela tenha resolvido entrar para o estrelato:
quem sabe, não esteja nesse exato momento
posando para Franz Marc
imortalizá-la em seu mais famoso retrato?*

Discussões:

»Consagrado na estrofe significa...

»Franz Marc e seu quadro:

Franz Marc: quando os sentimentos e as cores moldam a forma

Franz Moritz Wilhelm Marc nasceu em 8 de fevereiro de 1880 em Munique, na Alemanha. Em 1900 iniciou seus estudos na Academia de Belas Artes em Munique, onde inicialmente pintava paisagens de estilo naturalista. Fazia viagens frequentes à França, onde conheceu as obras impressionistas e os quadros de Vincent Van Gogh.

Os temas são a força vital da natureza, o bem, a beleza e a verdade do animal, que o artista não vê no homem.

Marc sentia-se intimamente ligado aos animais e tentou representar o mundo tal como o animal o vê, mediante a simplificação formal e cromática das coisas.

O artista é considerado até os dias de hoje como um grande nome da arte expressionista e um dos pioneiros do abstracionismo.

Disponível em: <https://saibadesign.wordpress.com/2010/10/01/franz-marc-quando-os-sentimentos-e-as-cores-moldam-a-forma/>

» Planejar um desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem ou outro tipo de material que o professor se sentir confortável para orientar cada aluno a criar sua vaca amarela, mostrando também o local onde, na imaginação de cada aluno, ela teria ido. Uma exposição no mural da escola ou da sala seria uma bonita apresentação e valorização do trabalho criado. Uma breve observação de todas as ilustrações do livro poderá servir de inspiração.



A Vaca Amarela citada pelo autor, do pintor alemão Franz Marc.

Disponível em:
<https://saibadesign.files.wordpress.com/2010/10/franz-marc2.gif>

10ª estrofe

*Eu não queria voltar à vaca-fria,
nem chorar o leite derramado,
mas será que a Vaca Amarela
não se arrependeu do passado
e anda agora a procurar pelo Boi-Sonso
para que ela seja novamente seu namorado?*

» Discutindo as expressões: vaca-fria e Boi-Sonso:

A expressão "**voltar à vaca fria**" ou "**voltando à vaca fria**" é bastante antiga e popular no Brasil e em Portugal. A frase pode ser usada para definir a necessidade de retornar a um tópico ou assunto que foi interrompido, mas que ainda necessitava de um desfecho.

Disponível em: <https://www.significados.com.br/vaca-fria/>

Os alunos poderão criar pequenos parágrafos, narrando história curta e usando a expressão "voltando à vaca fria", para apresentar aos colegas. Esta pequena produção de texto poderá ser feita em duplas. Ou fazer oralmente.

Significado de Sonso

Adjetivo: Que esconde seus defeitos ou se faz de inocente e tem um comportamento contrário àquilo que realmente é; que oculta suas reais intenções, se fingindo de bobo; enganador ou dissimulado.

Substantivo masculino: Indivíduo fingido; pessoa que é dissimulada; manhoso. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sonso/>

Quando este adjetivo serve para ilustrar bem uma palavra e quando passa a ser *bulling*, por exemplo?

Significado de *bulling*: “**Bullying** é toda ação repetida com a intenção de machucar o outro seja ele verbalmente, ou seja ele fisicamente. Pessoa que pratica essa ação é chamada de bulies.” Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/bulling/>)

11ª estrofe

*Pensando bem,
ela pode até ter
escolhido outro marido:
como o Boi da Cara Preta,
aquele que pega criança
que tem medo de careta.*

» Aqui será muito interessante um retorno à discussão do Politicamente Correto (comentado lá no início) e da atual ideia de não se cantar mais a canção de ninar *Boi da Cara Preta* porque assusta a criança...

» Será interessante fazer uma pequena pesquisa com pais, responsáveis e adultos da escola sobre a opinião deles no impacto, ou não, da canção *Boi da Cara Preta*... na vida das crianças. E como os adultos vivenciaram cantar esta canção de ninar (ou para eles ser cantada e se deixou lembranças tristes e traumas).

Cantiga de ninar: O acalanto, canção ingênua, sobre uma melodia muito simples, com que as mães ninam seus filhos, é uma das formas mais rudimentares do canto, não raro com uma letra onomatopaica, de forma a favorecer a neces-

sária monotonia, que leva a criança a adormecer. Forma muito primitiva, existe em toda parte e existiu em todos os tempos, sempre cheia de ternura, povoada às vezes de espectros de terror, que os nossos meninos devem afugentar dormindo. Vieram as nossas de Portugal, na sua maior parte, e vão passando por todos os berços do Brasil e vivem em perpétua tradição, de boca em boca, longe das influências que alteram os demais cantos.

(ALMEIDA, Renato. História da Música Brasileira. São Paulo: Editora: Eb = Editora do Brasil, SA., 1987, p.106. Disponível em: <http://blmrs.blogspot.com.br/2008/11/cantigas-de-ninar-boi-da-cara-preta.html>)

Sugestões para consulta:

• **O Politicamente Correto nos dias de hoje.** Disponível em:

<http://www.revistaeducacao.com.br/patrolhamento-do-politicamente-correto-assombra-professores/>

• **Discurso e formação de valores nas canções de ninar e de roda:** trabalho apresentado por Maria Graciete Carramate Lopes e Roseli A. Figaro Paulino, da Universidade de São Paulo, no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Curitiba, PR, de 4 a 7 de setembro 2009,

Resumo:

As cantigas infantis de roda e de ninar fazem parte das tradições folclóricas de diversos povos e, ao longo do tempo, sofrem modificações tanto em função de seu caráter de transmissão oral, como das trocas culturais entre diversos povos. Recentemente, algumas cantigas têm sofrido modificações em suas letras, em função do julgamento de que certos temas veiculados em seu discurso são “politicamente incorretos”. O presente artigo faz uma análise dos temas de algumas cantigas infantis, procurando verificar se eles aparecem no discurso da população e, portanto, se apresentam influência marcante na educação e formação de valores nas crianças.

Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3267-1.pdf>

12ª estrofe

*Mas como “aonde a vaca vai, o boi vai atrás”,
a Vaca Amarela continua indo... indo...
e atrás dela vai uma boiada de bois,
amorosamente declamando
poemas e provérbios que não acabam mais...*

Discussão:

» Música *O Boi Vai Atrás*.

O Boi Vai Atrás (João da Praia)

Aonde a vaca vai

O boi vai atrás...

Um amor que é tão grande nunca mais se desfaz

Com a bicharada grande o boi já fica demais

É que a conta do hotel está ficando pra trás

Minha mãe me deu uma coça

Com o costume que eu tinha

Namorar filha dos outros pela porta da cozinha

Eu não vou na sua casa

Pra você não ir na minha

Você tem a boca grande
Vai comer minha galinha
Namorei uma garota
Ela se chama Joana
Só que eu moro na Tijuca
E ela em Copacabana
E um amor que é tão grande
Nunca mais se desfaz
Com a bicharada grande o boi já fica demais
E do jeito que as coisas andam
Abre o olho do rapaz...
Adicionar à playlist

Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/joao-da-praia/1155553/>

Para ouvir no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=ClcPlnBskP4>

Poderão cantar esta canção do cancioneiro popular brasileiro.

» Poemas X poesias

De acordo com o dicionário *Aurélio*, **poesia** é a “Arte de criar imagens, de sugerir emoções por meio de uma linguagem em que se combinam sons, ritmos e significados”, enquanto poema é “Obra em verso ou não em que há poesia”.

Poesia

Do grego *poiesis*, poesia, no sentido etimológico, significa “produção artística” ou ainda “criar” e “fazer”. Essa, portanto, está presente não apenas em poemas, mas também em objetos, paisagens e outras formas de expressão.

As poesias são caracterizadas pela utilização de recursos para expressar a linguagem de forma especial e diferente do normal, e provoca diversos efeitos de sentido naqueles que recebem a mensagem. É esta forma de escrita que é responsável por dar sentimento ao conteúdo descrito pelas palavras em obras. Graças à ela, os textos possuem emoções e transpassam aos leitores.

Dentre os recursos usados para causar efeitos e sensações em quem está lendo, estão os recursos sonoros, como por exemplo o ritmo, a rima, a aliteração, entre outros, e o uso da linguagem para sugerir imagens, como as metáforas e as personificações, por exemplo.

Poema

Os poemas são também poesias, mas usam a palavra como matéria prima. Trata-se de obras em verso, composições poéticas, ou ainda refere-se à arte de retratar no papel a poesia.

Estruturados em versos e estrofes, os poemas existem por si mesmos. Entenda o que são estrofes e versos, parte da estruturação dos poemas.

Relembrando:

Estrofe é como chamamos cada uma das seções que constituem um poema. Esse é formado por alguns versos, e as estrofes são separadas em um poema por uma linha em branco.

Verso é como chamamos cada uma das linhas que compõe um poema, independentemente de estarem agrupadas ou não. Também chamamos de verso a forma de escrita que não é a prosa.

Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/poema-e-poesia-qual-a-diferenca/>

Os alunos poderão ser convidados a falar de poesias e poemas de que mais gostam e de seus autores.

» O que são Provérbios

Provérbio, Adágio popular, Ditado ou **Dito** pode referir-se a:

Ditado popular, adágio ou provérbio (do latim proverbium), é uma frase de carácter popular, com um texto curto de autor anónimo que é várias vezes repetido e se baseia no senso comum de um determinado meio cultural, como por exemplo: “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Prov%C3%A9rbio>

“**A curiosidade matou o gato**” é um provérbio, um ditado popular usado para alertar uma pessoa de que um mal pode ocorrer se ela for muito curiosa.

A forma original do ditado, hoje pouco usada, era: "A preocupação matou o gato". No caso, a "preocupação" era no sentido de ficar preocupado/ aflito mesmo, ou no sentido de ficar triste.

- Que outros provérbios vocês conhecem?
- Que tal criar uma lista de provérbios e, em cartazes, colar pela escola?

13ª estrofe

*Entretanto, como a Vaca Amarela,
pelo visto, não quer nenhum compromisso,
talvez ela esteja mesmo é escutando à luz do luar
as histórias que a velha Sá Dondom
conta sobre o corajoso Boi Aruá.*

Discussão:

» Sá Dondom (uma velha contadora de histórias) e Boi Aruá.

Boi Aruá: O enredo conta a história de um vaidoso e austero vaqueiro (Tibúr-

cio), que cisma em capturar um boi selvagem e encantado (Aruá). O desejo de laçar o boi mandinguento se torna uma obsessão que diz muito sobre a personagem, comparável à raiva do Capitão Ahab em pescar a sua *Moby Dick*. O boi é metamórfico – ora é um simples animal, ora uma espécie de Exu, ora vira uma constelação, ora é o próprio vaqueiro. No curso da história, a verdadeira natureza do Boi se revela ao vaqueiro Tibúrcio.

Disponível em: <https://www.skoob.com.br/o-boi-arua-77274ed85204.html>

» Animação que poderá ser planejada para os alunos assistirem: Boi Aruá (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=svYUvBr10E18>)

Esta animação poderá ajudar na hora de criar a ilustração individual da Vaca Amarela, proposta na discussão da 9ª estrofe.

14ª e 15ª estrofes

*Ou ainda esteja ouvindo,
Comovida e contente, as crianças declamarem
a famosa parlenda
do Touro Valente, que é seu estimado parente:*

*“Hoje é domingo
pé de cachimbo,
O cachimbo é de ouro,
bate no touro.
O touro é valente,
bate na gente.
A gente é fraco,
cai no buraco.
O buraco é fundo, acabou-se o mundo.”*

Discussão em sala:

- “Comovidas e contentes, as crianças declamarem”. Por quê? Como?
- Famosa parlenda: “Hoje é domingo...” Quem conhece? Continuar...
- Quais as parlendas que eles conhecem? (Poderá ser confeccionado um

saco de parlendas para fazer um sorteio e “declamarem, comovidas e contentes”.)

Sugestões:

- Tá com frio?

Toma banho no rio

- Tá com calor?

Toma banho de regador.

- Uni, duni, tê,

Salamê, mingué,

Um sorvete colorê,

O escolhido foi você!

- Quem cochicha,

O rabo espicha,

Come pão

Com lagartixa.

- Um elefante amola muita gente...

Dois elefantes... amola, amola muita gente...

Três elefantes... amola, amola, amola muita gente...

Quatro elefantes amola, amola, amola, amola muito mais...
(continua...).

Algumas curiosidades sobre as Parlendas

- ▶ Popularmente, as parlendas folclóricas também são chamadas de trava-língua. O motivo disso é que a repetição rápida, seguida e rimada acarreta dificuldades de pronúncia para quem apresenta problemas de dicção;
- ▶ O objetivo com relação à criação da parlenda é entreter as crianças ao mesmo tempo que é transmitido algum tipo de conteúdo, sendo por esse motivo muito utilizada no ambiente escolar;
- ▶ É comum que cada parlenda possua uma variação regional conforme a cultura, costumes e crenças de determinado país, estado ou até mesmo cidade, buscando mergulhar no contexto no qual as crianças estão inseridas;
- ▶ Em Portugal, a parlenda é mais conhecida como cantilena ou lenga-lenga;
- ▶ As parlendas foram trazidas ao Brasil justamente pelos portugueses, sendo que aqui no país ela adquiriu novas contextualizações de acordo com a cultura local, sendo até hoje utilizadas pelos educadores, especialmente em pequenos municípios e nas regiões rurais do país.

Disponível em: <https://www.figuradelinguagem.com/gramatica/parlendas/>

O professor poderá lançar mão dessa linguagem lúdica para o trabalho em sala de aula, lembrando que “[...] o brincar é enfatizado como a linguagem prioritária das crianças, com sua especificidade de participação na cultura como princípio de organização do cotidiano, das relações, dos conhecimentos, das metodologias, dos espaços e dos tempos de escola e creches” (DEBORTOLI, 2009, p. 65). Sendo assim, devemos dar mesmo aos alunos maiores, de 4º e 5º anos, oportunidades para brincar, no caso, com palavras, frases, provérbios...

16ª estrofe

*Às vezes, o que penso mesmo é que a Vaca Amarela
é a maior super-heroína de todos os tempos.
Pois ela partiu, e ninguém viu,
Foi para salvar o Boi na linha e a Vaca atolada
Que corriam perigo em algum trilho ou beira de estrada.*

Discussão:

- O que significa a expressão “Boi na linha”?

Surgiu na ocasião da primeira estrada de ferro construída no Brasil (Estrada de Ferro Mauá, que ligava o Rio de Janeiro à Raíz da Serra, Petrópolis) que não foi cercada e por isso o gado da região encontrava facilidade de passear sobre os trilhos. Daí o maquinista gritava: "Tem boi na linha!", avisando que havia algum intruso ou interrupção no percurso. *Disponível em: <http://www.guiacuca.com.br/curiosidades/como-surgiu-expressao-tem-boi-na-linha>*

— O que significa a expressão Vaca atolada?

Quando falamos em vaca atolada, a primeira imagem que nos vem na mente é uma dessas vacas malhadas, leiteiras com grandes tetas. O gado, esses criados soltos, na época da seca sai à procura de alimento fresco e acaba atolando nos brejos. Sem poder se movimentar, depois de muito esforço para sair, muitos deles acabam morrendo se não for encontrado a tempo.

Conta a história que isso aconteceu em Minas Gerais. Um sitiante tinha vários animais, todos sadios por sinal. Um dia uma dessas vacas atolou em um brejal e acabou morrendo, o dono, não teve dúvida, reuniu vários homens da vizinhança e com o esforço de cada um retirou a malhada do atoleiro. E para comemorar, repartiu a carne entre os participantes. Ele, como dono, ficou com a maior parte naturalmente, separou as costelas e preparou com mandioca cozida para servir aqueles que tinham ajudado na empreitada. Daí surge o prato vaca atolada, nesse caso na mandioca.

Disponível em: <https://serrademinas.blogspot.com.br/2012/08/vaca-atolada.html>

A **Vaca atolada** também é um prato típico da comida caipira e tem como principais ingredientes costela bovina e mandioca; muito popular em estados como São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina e Pernambuco.

Tropeiros valeparaibanos carregavam no embornal carne mergulhada na gordura, o que garantia alimento por um bom tempo, sem deteriorar. Ao longo das trilhas colhiam mandioca, assim podendo misturá-las e cozinhar junto com as carnes, uma comida forte e boa para dias mais frios da serra.

Ao se dirigirem às Minas Gerais, transpondo a Serra da Mantiqueira por terrenos íngremes, frios, irregulares, úmidos e principalmente nos períodos de chuva, o que tornava o solo alagadiço, o gado encalhava e não prosseguia, havia então o momento de remanejamento dos animais, o descanso da tropa e sua alimentação. Assim sendo, foi batizado esse alimento como Vaca Atolada.

No entanto, a receita de Vaca Atolada é tradicionalmente feita com costelas de boi, uma carne que não era aproveitada para compor a comida dos viajantes, e nem servia para fazer o charque ou carne seca. Mas provavelmente é que seja uma comida preparada após o abate do gado, cozinhando as costelas e sua gordura com pedaços de aipim e cebolas.

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Vaca_atolada

Receita culinária de Vaca Atolada, que poderá ser preparada pela escola em um dia, previamente, planejado com os alunos, ou até mesmo a ser feito só com a participação da turma para fazer e saborear o prato. (*Disponível em: <https://revistagloborural.globo.com/vida-na-fazenda/receitas/noticia/2016/05/como-fazer-vaca-atolada.html>*)

» Partiu e ninguém viu...

Nesta página os pontos numerados de 1 a 80 podem ser ligados para surgir a Vaca Fijona. Como é uma tarefa fácil para estes alunos, poderá ser lançado um desafio de ligar os pontos com mais rapidez, ligar os pontos cantando, dando gargalhadas etc. Copiar o desenho em uma folha avulsa, para não escrever na página do livro.

17ª, 18ª e 19ª estrofes

*Mas, quem sabe, a Vaca Amarela
não tenha ido para a Espanha?*

*É, tendo em vista tanta façanha,
disso ninguém duvida!*

*Agora no meio da arquibancada,
ela deve estar assistindo a uma tourada,
que por lá eles chamam de corrida.*

Discussão:

– O que já ouviram falar sobre tourada (ou corrida)? A favor? Contra? Por quê?

Consultar os sites:

- <http://touradas.pt/tauromaquia/atourada>
- <https://mundoestranho.abril.com.br/cultura/como-e-uma-tourada/>
- <https://oglobo.globo.com/sociedade/lei-na-espanha-restringe-violencia-nas-touradas-21644468>

– Onde fica a Espanha? Que costumes conhecem do povo espanhol? Conhecem pessoas nascidas lá? Quem são? E quais as últimas notícias que escutaram sobre a Espanha?

Espanha (em espanhol: España; [es'paɲa]), também conhecido como **Reino de/da Espanha** (Reino de España) é um país situado na Europa meridional, na Península Ibérica. Seu território principal é delimitado a sul e a leste pelo mar Mediterrâneo, com exceção a uma pequena fronteira com o território britânico ultramarino de Gibraltar; ao norte pela França, Andorra e pelo golfo da Biscaia e ao noroeste e oeste pelo oceano Atlântico e por Portugal.

O território espanhol inclui ainda as ilhas Baleares, no Mediterrâneo, as ilhas Canárias, no oceano Atlântico, próximas da costa Africana e duas cidades autônomas no norte de África, Ceuta e Melilla, que fazem fronteira com o Marro-

cos. Com uma área de 504 030 km², a Espanha é, depois da França, o segundo maior país da Europa Ocidental e da União Europeia.

Devido à sua localização, o território da Espanha foi sujeito a muitas influências externas, muitas vezes simultaneamente, desde os tempos pré-históricos até quando a Espanha se tornou um país. Por outro lado, o próprio país foi uma importante fonte de influência para outras regiões, principalmente durante a Era Moderna, quando se tornou um império mundial que deixou como legado mais de 400 milhões de falantes do espanhol espalhados pelo mundo.

A Espanha é uma democracia organizada sob a forma de um governo parlamentar sob uma monarquia constitucional. É um país desenvolvido com o nono PIB nominal mais elevado do mundo e elevado padrão de vida (a Espanha possui o 23.º melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do mundo). É um membro das Organização das Nações Unidas (ONU), da União Europeia(UE), da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e da Organização Mundial do Comércio (OMC).

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Espanha>

20ª estrofe

*Uns dizem que a vaca foi pro brejo.
Contudo, eu acredito que talvez,
enfarada de contar favas e de ruminar farelo
ela esteja em Portugal, ouvindo um fado
às margens do Rio Tejo.*

Discussão:

– O que significa estar enfarada de contar favas?

Aqui temos algumas informações sobre “favas contadas”:

“São favas contadas”: [...] frase que se refere a um acontecimento ou facto dado como certo. Esta expressão idiomática vem da forma de eleição do abade em muitos mosteiros medievais, e mesmo depois. Os monges, depois de “chamados a capítulo”, procediam à escolha do abade mediante um sistema de votação de favas brancas (a favor do nomeado) e favas pretas (contra o nomeado). No final, contavam-se as favas. Alguns autores asseveram que este costume de eleger com favas de diferentes cores remonta já à Grécia Clássica. (CARVALHO, Sérgio Luís de. *Nas Bocas do Mundo*. Disponível em: <https://ceportugues.wordpress.com/2011/02/10/sao-favas-contadas/>)

21ª estrofe

*Ou, então, tenha ido para a Holanda
Exercer sua ilustre realeza.
Pois, como é sabido por todos,
Não há em todo o mundo,
Bovino mais importante, que uma vaca holandesa.*

Discussão:

» Enciclopédia de raças: Holandesa



Disponível em:
[http://iepec.com/
wp-content/
uploads/2015/03/68105_
klein-850x648.jpg](http://iepec.com/wp-content/uploads/2015/03/68105_klein-850x648.jpg)

Informações para o professor selecionar o que achar adequado e adicionar às discussões:

A raça Holandesa também é conhecida em todo o mundo como Holstein Frisian. Sua principal característica, que o destaca em relação às demais raças, é a sua excelente capacidade leiteira, fazendo com que seja considerada uma das melhores raças leiteiras de todo o mundo. A Raça holandesa melhorou muito, através dos anos, graças a um excelente trabalho de seleção e aperfeiçoamento, baseado em um controle técnico e científico bastante rigoroso, ou seja, sob os mais rigorosos padrões zootécnicos. A pelagem dos antigos bovinos holandeses variavam muito, inclusive os de cara branca.

História: Pouco se conhece sobre a origem da raça Holandesa. Há afirmações que a domesticação desta raça de gado data de 2000 anos a.C. nas terras planas e pantanosas da Holanda setentrional e da Frisa (Países Baixos) e também, na Frisa Oriental (Alemanha). Não se sabe ao certo quando a raça foi introduzida no Brasil, presume-se que o gado holandês tenha sido trazido ao país nos anos de 1530 a 1535.

Esta raça é criada com a finalidade de exploração leiteira na Holanda. Apresenta três variedades: Frisia, Grominga e a variedade Mosa, Reno e Yessel. São criadas no Brasil a Frísia (preto e branco) e a Mosa, Reno e Yessel (vermelho e branco). A variedade frísia é, sem dúvida, a mais importante e a preferida dos criadores de diferentes países. Dependendo do país, recebe nomes diferentes; nos Estados Unidos é conhecida como Holstein Frisian, já na Inglaterra recebe o nome de British Holstein. No nosso país, é conhecida como raça Holandesa preto e branco, sendo a de maior produção leiteira e de maior disseminação no Brasil.

Disponível em: <http://iepec.com/enciclopedia-de-racas-holandesa/>

22ª estrofe

*Outra hipótese que lhe convém
é ir para a Índia:
sua verdadeira terra natal,
pois lá ela não é uma vaca à esquerda,
mas um sagrado animal.*

Discussão:

- O que o autor quis dizer com a expressão “vaca à esquerda”? (Zero à esquerda.)
- Sagrado animal? Por que a vaca é sagrada na Índia?

Na Índia, a vaca é um animal sagrado que pode circular livremente nas ruas das cidades. A reverência ao mamífero como um ser sagrado é explicada pela religião hinduísta, que estabelece a vaca como uma montaria ou veículo de um dos deuses mais populares do país, o Shiva, segundo o pesquisador do Departamento de Antropologia da Unicamp Cláudio Costa Pinheiro. [...] No caso da vaca, a importância como animal sagrado ganhou fama pelo mundo pelo fato de Shiva ser um dos poucos entre os cerca de 30 mil deuses do hinduísmo que é adorado em toda a Índia. A maioria dos deuses é reverenciado em apenas determinadas regiões.

Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/voce-sabia/por-que-a-vaca-e-sagrada-na-india,5208d8aec67ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

Vídeo de vaca pelas ruas recebendo alimento: **Por que as vacas são adoradas na Índia?** (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MK4Yfy6EJPI>)

23ª estrofe

*Pode ser também que a Vaca Amarela
Esteja pra lá de Bagdá...
ou talvez mais além,
em uma terra sem Fé, sem Lei, sem Rei e sem Rotas,
bem depois de onde Judas perdeu as botas.*

Discussão:

– O que quer dizer a expressão “Pra lá de Bagdá”?

Expressão usada para se referir a um lugar muito longe. E também para se referir ao estado de uma pessoa que esteja muito bêbada, portanto fora dos seus sentidos.

– E a expressão “Onde Judas perdeu as botas”?

Onde Judas perdeu as botas é uma expressão popular da língua portuguesa que é usada para descrever um **lugar muito distante, difícil de alcançar**

ou **mesmo inacessível**.

Existem várias expressões equivalentes a "onde Judas perdeu as botas", tais como: "Onde o vento faz a curva"; "No fim do mundo", "No cafundó de Judas"; "No meio do nada", entre outras. — *Não sei se vou poder ir à festa do João porque ele mora lá onde Judas perdeu as botas!*

O professor de Inglês poderá criar uma atividade, interagindo-se com a disciplina de Língua Portuguesa, utilizando a expressão.

Em inglês, "Onde Judas perdeu as botas" pode ser traduzido como "*in the back of beyond*" (expressão tipicamente britânica que significa "na parte de trás do além"), "*in the boondocks*" (expressão mais usada nos Estados Unidos, que descreve uma zona pouco habitada), "*in the middle of nowhere*" (no meio do nada).

» *He lives in the boondocks / in the back of beyond / in the middle of nowhere* (Ele mora onde Judas perdeu as botas!)

Origem da expressão:

É difícil saber a origem exata da expressão "Onde Judas perdeu as botas". Muitos autores acreditam que a expressão surgiu com a história de Judas Iscariotes, o discípulo que traiu Jesus. É certo que a Bíblia não menciona o hábito de Judas de calçar botas, mas uma crença popular afirma que Judas teria escondido num par de botas as trinta moedas que recebeu dos sacerdotes judeus, como pagamento por trair Jesus. Quando encontraram o corpo de Judas (depois de ter se enforcado), este estava descalço, e a lenda conta que muitos tentaram encontrar as botas

para ficar com o dinheiro, mas sem sucesso. Por esse motivo, "onde Judas perdeu as botas" serve para descrever um lugar difícil de encontrar, um terreno longínquo. No entanto, a Bíblia refere que Judas, movido por arrependimento, devolveu as moedas aos sacerdotes judeus antes de se suicidar. Por esse motivo, onde quer que estivessem as suas botas, elas não iriam conter as trinta moedas. Posteriormente a Bíblia menciona que os sacerdotes usaram as 30 moedas de prata para comprar o Campo do Oleiro, que ficou conhecido como o "Campo de Sangue". Disponível em: <https://www.significados.com.br/onde-judas-perdeu-as-botas/>

24ª estrofe

*Ou será que no fundo, no fundo,
a Vaca Amarela enganou todo mundo?
Deu-nos um “Olé!”,
Ao se disfarçar de Vaca Malhada
Nas caixinhas da Itambé? [???*

Discussão:

Em Minas Gerais, terra do autor, existe uma fábrica de Laticínios marca Itambé, cuja vaquinha ilustra a caixa de leite (modelo mais antigo).

25ª, 26ª e 27ª estrofes

*É. O que eu sei é o que eu sei.
E o que eu sei é que esta história
de Vaca Amarela pulou a janela
não passa de conversa pra boi dormir.*

*Mas será quem quem inventou
Essa brincadeira não pensou
Que as crianças iriam ruminar,
Ruminar, ruminar...*

*Ruminar e investigar esta história
Até desenvolver aonde é que essa vaca foi parar?*

Discussão:

– O que significa a expressão: “Conversa pra boi dormir?” Já utilizaram? Quando?

Conversa para boi dormir é uma expressão popular em português (do Brasil) utilizada quando se diz que alguém está de **conversa mole, lero-lero, desculpa**

esfarrapada ou mentira contada com a intenção de enganar alguém.

Uma conversa para boi dormir também pode ser uma que não é do seu agrado, e a pessoa que fala, tenta fingir que entende do assunto.

Em inglês, a expressão "conversa para boi dormir" é conhecida como "cock-and-bull story" (cuja tradução literal é "história do galo e boi).

Disponível em: <https://www.significados.com.br/conversa-para-boi-dormir/>

– Afinal, estamos ou não estamos ruminando a ideia de saber onde a vaca amarela foi parar? O que acham?

28ª estrofe

E você leitor, também já brincou

de Vaca Amarela?

Qual destino

you imaginou para ela?

Discussão:

– Vamos viajar... imaginando... criando versos...

» Individualmente, ou em duplas, criar uma estrofe contando onde

Você imagina que a Vaca Amarela foi parar. Que destino você daria a ela, respondendo à pergunta do autor? (Com rima ou não)

Apresentar oralmente e expor no mural da sala de aula.

» Jogral (uma forma declamada de contar a história da Vaca Amarela): de todo o poema ***Por onde andaré a Vaca Amarela?***

○ professor poderá distribuir os versos para vozes individuais e/ou em grupo, ensaiar e apresentar para uma outra turma, para quem estiver na biblioteca ou em um momento de encontro com várias turmas, no pátio da escola.

Jogral: ○ jogral é como um poema, podendo ser cantado ou não. Também pode definir-se como a arte de poetizar por duas ou mais pessoas. É consiste em pronunciar versos engraçados com o propósito de divertir as pessoas e, no caso de antigamente, o rei. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jogral>

Atenção, Professor: Todas as informações colhidas na Internet, como sugestões, para ilustrar as discussões de ideias apresentadas no poema **Por onde andar** *a Vaca Amarela?* são para você ganhar tempo e também ter mais dados para ilustrar as discussões sugeridas aqui e que você poderá propor em sua turma. Espero que elas tenham sido úteis.

Nesta proposta fica nosso desejo de que a leitura do livro **Por onde andar** *a Vaca Amarela?* tenha sido bem proveitosa, com risadas, discussões e criações de trabalhos interessantes. Assim, talvez, teremos conseguido, de acordo com Busatto (2006, p. 31):

[...] recuperar na memória uma função ancestral e arquetípica, provocar a suspensão do tempo cronológico apresentando um outro tempo, reencantando o mundo, despertando a compaixão e a lembrança do universo mítico do qual todos fazemos parte, numa espécie de teia coletiva que se forma a partir do momento em que contos soam e apresentam situações simbólicas.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Curricular Comum – BNCC*.

Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc/>

BUSATTO, Cleo. *A arte de contar histórias no século XXI*. Petrópolis: Editora Vozes, 2006. p. 31.

CARVALHO, Alysson. VIEIRA, Therezinha. Laboratório do brincar: Curso, per-curso, ações e reflexões sobre o brincar. In: CARVALHO, Alysson (Org.) et al Universidade Federal de Minas Gerais. Pró reitoria de extensão. *Brincar(es)*. Belo Horizonte: UFMG; UFMG, Pró-Reitoria de Extensão, 2009.

CLAVER, Ronald. *Escrever sem doer - Oficina de Redação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

COELHO, Betty. *Contar histórias - Uma arte sem idade*. São Paulo: Ática Editora, 1999.

DEBORTOLI, José Alfredo (Org.). *BRINCAR (res)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 36.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita - Atividades de retextualização*. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATOS, Gislayne Avelar. *A palavra do contador de histórias*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VILLARDI, R. *Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira*. Rio de Janeiro: Dunya Editora, 1999.



Manual do professor | Por onde andar a Vaca Amarela?

Autora do manual:
Miriam Chaves Carneiro

Projeto gráfico:
Thiago Amormino

Coordenação
Maria Mazarello Rodrigues



Rua Pacífico Faria, 378 A - Pompeia
CEP: 30280-440 - Belo Horizonte - MG
Telefax: 31 3481 0591

www.mazzaedicoes.com.br
penninhaedicoes@gmail.com